

O CONTO
DO
CORTADOR DE BAMBU

ANÔNIMO

Kaguyahime – A Princesa da Lua

Há muito tempo atrás em um local distante no Japão, vivia um *Taketori* (cortador de bambu) e sua esposa. Ele gostava de seu trabalho, tanto que nem pensava em enriquecer, gostava da sensação de liberdade ao adentrar a floresta dia a dia, procurando o precioso vegetal. Preferia permanecer pobre e livre, fazendo o que gostava, do que trabalhar nas plantações ou em algum outro serviço, onde poderia ganhar mais dinheiro mas teria que obedecer a regras, horários e supervisores.

Um dia, enquanto desbravava a floresta a procura de bambu, ele viu uma estranha e brilhante luz, era algo incomum mas ele não se amedrontou, na verdade se sentiu atraído por ela, que emanava uma sensação de paz, curioso seguiu sua intuição e foi rumo à claridade, que vinha de uma moita de bambu escondida entre os pinheiros.

Normalmente ele ficaria espantado pelo fato daquela moita nascer numa local que ele não esperaria, uma vez que sua experiência lhe permitia saber com muita precisão os locais onde bambus podiam crescer, mas no momento a luz dominava seus pensamentos.

O brilho parecia irradiar de dentro de um ramo fino de uma das moitas maiores, movido por uma força irresistível e inexplicável, o homem caminhou até o bambu e num golpe de seu machado o decepou pela metade.

Era uma dádiva dos deuses, ele pensou, uma linda menininha, um bebê em miniatura, de cerca de 10 centímetros de comprimento estava acomodada no caule do bambu. Ela não se assustara, na verdade ria e transbordava alegria. Ela a tomou na palma da mão e deixou a floresta rumo à sua casa, ansioso por mostrar seu achado a sua esposa.

Sua companheira ficou tão fascinada quanto ele pela beleza da menininha, e considerou também como sendo uma dádiva divina, deixando cair lágrimas de emoção.

Ela tomou a criança de seu marido, que com sua falta de jeito tentava segurar a menina como um saco de arroz, e a acomodou confortavelmente em seu colo pensando no que deveria fazer, e concordaram que deviam criá-la como uma filha.

No dia seguinte o *taketori* voltou ao local onde achara a criança, talvez encontrasse uma outra. Mas nada mais havia, nem a luz, nem o bambu e nem sequer aquela misteriosa moita. Também não havia sinais de que alguém a houvesse extraído, as únicas pegadas e marcas humanas eram as dele.

"Misterioso!" Ele pensou, mas o mais incrível ainda foi quando ao vasculhar o chão achou uma pequena pepita de ouro! Ela a recolheu e de repente viu mais uma, e outra e outra. Colheu várias pequenas pedras de ouro até por fim recolher a última, a maior de todas. Como o homem não era ambicioso, apenas pensava ao voltar para casa que, com sua sacola cheia de ouro, "Agora podiam criar a menina adequadamente."

Sua esposa e ele ficaram eufóricos e no dia seguinte ele voltou ao mesmo local, onde sem saber muito o que esperar, achou mais pedrinhas de ouro de vários tamanhos. Em apenas dois dias, com a riqueza que achara na floresta, ele se tornou o homem mais rico daquela parte do país.

O casal decidiu chamar a menina de *Kaguyahime*, *hime* significa princesa. Ela cresceu tão rápido quanto um bambo brota do solo e em apenas três meses ela já era uma jovem e linda mulher. Sua beleza era tão radiante que seu corpo chegava a brilhar e sua simples presença era capaz de transmitir paz, saúde e alegria. Mesmo seus pais tendo muito cuidado com ela, sempre resguardando-a a sua própria casa, as poucas pessoas que a avistaram fizeram sua fama correr longe, e logo 5 príncipes chegaram a casa do riquíssimo cortador de bambu para cortejar a dama.

Os 5 não eram príncipes comuns. Por semanas a fama de *Kaguyahime* atraiu muitos pretendentes e houve na cidade muitos duelos e violência até que a razão prevalecesse e se instituíssem competições seletivas. Esses príncipes eram vencedores de uma série de provas tendo dado mostras de sua coragem, capacidade, graça e inteligência.

Foram selecionados entre centenas de pretendentes, viajaram dias em duros caminhos para a cidade do cortador de bambu e indo direto a sua residência, oferecendo-lhe joias, especiarias e demais presentes e riquezas. Mas o homem disse-lhes que de nada adiantariam tais presentes e não os aceitou, pois *Kaguyahime* só se casaria se, e com quem, ela quisesse.

Embora a princesa não quisesse se casar os príncipes aceitaram isto como mais um desafio, e permaneceram persistentemente em frente à sua casa até que ele se dignasse a vê-los.

Passou-se o verão e o outono, e os príncipes não desistiram de seu intento, suportaram firmemente a espera desafiando os elementos da natureza, frio, calor, chuvas, vento e insetos. *Kaguyahime* era inflexível, e não seria vencida por essas demonstrações de persistência, mas o pai da moça, apesar de compartilhar de seu desejo de que não se casasse, apiedou-se dos príncipes.

O velho e rico casal também não queria o casamento da princesa pois temia a solidão caso ela fosse embora, mas com a firmeza de propósito dos 5 príncipes, o *taketori* temia que o resultado fosse a morte de um ou mais deles, devido a aproximação do inverno, e com esse argumento convenceu a filha que o melhor meio de dispensá-los seria uma conceder-lhes uma audiência e apresentar-lhes uma recusa formal.

A princesa aceitou apenas devido ao desejo e humanitarismo do pai, pois não queria sequer ver nenhum dos príncipes, e estabeleceu então entrevistá-los em separado atribuindo a cada um deles um desafio extremamente difícil, na tentativa de dispensá-los definitivamente.

- Ao Primeiro incumbiu de trazer um vaso especial, que escondido numa montanha do continente asiático, pertencera ao próprio Buda.

- Ao Segundo que viajasse até o Monte Horai no extremo leste e trouxesse um ramo de uma árvore do pico da montanha, que não era uma árvore comum pois seu tronco era de ouro, os galhos de prata e suas frutas de pedras preciosas.

- O Terceiro deveria viajar até a China e trazer a pele do Rato de Fogo, que tinha propriedades mágicas e era insensível ao calor.

- O Quarto teria que obter uma joia que refletia 5 cores, de acordo com a luz que recebesse, mas estava em poder de um dragão que devorava qualquer um que o perturbasse.

- Ao Quinto, deveria achar um pássaro que tinha no estômago, uma concha especial.

O pai da princesa observou cuidadosamente cada um dos príncipes e percebeu que embora todos tenham sentido desagrado devido a enorme dificuldade dos desafios, não demonstraram fraqueza, aceitando-o e jurando cumpri-lo. E cada um voltou para seu próprio reino.

O Primeiro príncipe sabia das dificuldades que encontraria ao viajar para o continente, para a terra do Buda. Procurar a vasilha de cerâmica em inúmeras montanhas, correr vários riscos em território desconhecido. E mesmo que encontrasse o artefato, o que já lhe parecia impossível, como seria possível convencer o proprietário a entregá-lo? Não seria muito caro? Ou exigiria mais que dinheiro?

Com tudo isso em mente, não estava disposto já de antemão a realizar a viagem, passando então anos sem fazer nenhum esforço no sentido de completar a incumbência que *Kaguyahime* lhe deu.

Um dia então foi a um templo budista próximo a seu castelo, e percebeu que praticamente todos os vasos e vasilhames budistas eram iguais. Convenceu o monge do templo a lhe vender um dos maiores e mais antigos e foi levá-lo para a princesa.

O *Taketori* o examinou primeiro, ficando impressionado com a rapidez com que ele cumprira a missão, e levou o artefato para sua princesa. Esta por sua vez passou alguns instantes a investigar o objeto para atestar sua legitimidade e concluiu que era uma farsa, atirando-o ao chão e partindo-lhe em vários pedaços. Recusando-se a ver o príncipe, ordenou que um dos criados o entregasse os pedaços como sinal de desaprovação.

Consciente de sua mentira, o príncipe não disse uma só palavra, recolheu os cacos e partiu.

O segundo príncipe também reconheceu a futilidade do desejo da princesa, e não se disporia a arriscar a própria vida e despender recursos para viajar para o leste. Decidiu então promover outra fraude, mas no seu caso, bem mais elaborada.

Contratou os melhores joalheiros e artesãos do seu reino e de vários outros, dando-lhes a tarefa de produzir uma falsificação do ramo da árvore de ouro que a princesa queria. A tarefa consumiu muitos anos mas por fim, ao ficar pronto, era tão perfeita e bela que poderia iludir qualquer um.

O cortador de bambu ficou impressionado, prestando todo o respeito e reverência ao príncipe. Mesmo a princesa não foi capaz de detectar a fraude tamanha foi a perícia dos artífices, e o príncipe estava prestes a conquistar seu objetivo.

Mas um mensageiro veio até a casa da princesa procurando o príncipe para lhe entregar uma mensagem. O cortador de bambu, anfitrião prestativo, se dispôs a lê-la e era uma nota de cobrança dos joalheiros de uma certa província que reclamavam ainda não ter recebido o pagamento pela construção do ramo.

Assim a fraude foi desmascarada e o segundo príncipe foi também desclassificado.

O terceiro príncipe assim como os outros, não se prontificou a empenhar uma jornada em busca da relíquia exigida pela princesa, mas sim contratou um capitão para que com seu navio e tripulação procurasse para ele. Sabiamente pagou metade adiantado e pagaria o restante apenas quando estivesse de posse da pele do Rato de Fogo.

Após anos o capitão voltou com a encomenda. Narrou ao príncipe as incríveis dificuldades de sua jornada, dos terríveis vilões e monstros que ele e sua tripulação enfrentaram e que muitos de seus homens pereceram durante a jornada. O príncipe pagou o restante com acréscimo, para compensar as famílias dos homens que morreram.

O *taketori* que já enfrentara duas tentativas de enganação, recebeu o príncipe em alerta, não querendo ser tripudiado pela terceira vez. O pretendente iniciou sua história fazendo suas palavras do capitão que contratara, como tendo enfrentado todos os perigos pessoalmente, mas o pai apenas quis ver e testar a pele do Rato de Fogo.

Ele a colocou num pequeno incinerador e a incendiou, ela deveria ser insensível as chamas mas não foi o que aconteceu, queimou rapidamente sendo destruída e exalando um péssimo odor.

O príncipe ficou revoltado, e deixou escapar numa exclamação sua revolta contra o capitão que o havia enganado, deixando claro que não fora sequer ele que tinha empreendido a jornada.

Com isso, o terceiro pretendente foi também eliminado.

O quarto príncipe estava muito ocupado com o seu reino para despender uma jornada em busca da joia multicolorida que estava em posse de um dragão do mar. Ele temia que sua ausência prolongada agravasse os problemas de seu país e que se morresse na empreitada, seu reino entraria em colapso. Então enviou alguns de seus súditos que garantiam serem capazes de realizar a missão, ele os proveu com muitos recursos e dinheiro e esperou durante anos.

Mas esses súditos também não foram, como no caso do terceiro príncipe, devidamente honestos. Não queriam arriscar suas vidas contra um monstro que provavelmente os mataria e gastaram todo o dinheiro com farras.

Percebendo-se traído, o príncipe ficou furioso, mas o desafio o subiu a cabeça e ele afirmou que se alguém tivesse que matar o dragão, teria que ser ele mesmo, então por fim partiu na jornada.

Com seu navio e seu capitão, navegou por locais onde havia relatos de um terrível dragão que destruía as embarcações, desafiando o medo de sua tripulação e do próprio capitão mas prosseguindo corajosamente.

Um dia uma terrível tempestade atingiu seu navio, destruindo-o e lançando-os como náufragos durante anos pelas ilhas dos mares. Muitos marinheiros afirmaram ter visto o dragão na tempestade, mas quer fosse verdade ou não, durante esse período, o príncipe reconsiderou seus sentimentos por *Kaguyahime*, considerando um ultraje que ela o incumbisse de uma missão tão improvável ou tão arriscada, que poderia por fim a sua vida e a segurança e ordem no seu país. Achou que a princesa não era então digna de sua admiração e passou a desgostá-la.

O quinto príncipe, ao contrário dos outros, desde o princípio assumiu plenamente o desafio, percorrendo o mundo em busca do pássaro que possuía uma concha na barriga. Muitas aves morreram nas suas tentativas de encontrar o objeto em seu ventre, ele desenvolveu vários métodos de localizar, capturar e examinar os pássaros, mas após muitos anos concluiu que a missão era impossível.

O príncipe então, admitiu seu fracasso, e em carta enviou suas desculpas a princesa, declarando-se incapaz de cumprir seu desafio e lamentado. A princesa lhe foi então compreensiva e aceitou suas apologias.

Com a falha de todos os 5 príncipes, *Kaguyahime*, o *taketori* e sua esposa viveram tranquilos e felizes por uns tempos, como uma família unida. Mas as histórias sobre os feitos e falhas dos príncipes percorreram todo o Japão e chegaram aos ouvidos do imperador.

Este ficou então curioso e fascinado pelos relatos sobre a beleza da princesa, e se interessou em conhecê-la, enviando até seu pai então, um convite para que comparecessem a sede imperial.

Mas mesmo o convite do imperador foi rejeitado pela jovem, o que o irritou e o fez enviar então uma ordem convocativa. Temendo o imperador o cortador de bambu aconselhou à filha que obedecesse, mas ela surpreendeu a todos mais uma vez declarando que não obedeceria a ordem e que nem poderia, pois se se afastasse de casa, iria dissolver-se em fumaça e desaparecer.

Dessa vez o imperador não se enfureceu devido a justificativa, mas ficou ainda mais interessado, passaram então a trocar correspondências frequentemente e acabaram se tornando amigos, mas sempre adiando uma oportunidade de se conhecer, enviando um ao outro poemas e contos. E assim, a família do *taketori* permaneceu em paz por muitos anos a mais.

Mas chegou uma época em que *Kaguyahime* começou a entrar em depressão, seus pais constantemente a encontravam chorando sob a lua cheia. No princípio hesitaram em perguntar, mas como a situação se agravava cada vez mais insistiram numa explicação.

Chorando, ela lhes contou então que não era deste mundo, era na verdade da Lua. Fora enviada para ser a filha do casal por um motivo que ela ainda não conhecia, mas não seria para sempre. No 15^o dia do 8^o mês ela voltaria para a Lua.

Seus pais ficaram boquiabertos por um tempo, depois passaram a conversar. O *taketori* relembrou as incríveis circunstâncias em que ele a achara, o modo como cresceu rápido, sua extraordinária beleza, mas daí a acreditar que ela era da Lua? Ele achava que era demasiado fantástico. Mas ela reiterou que quer eles acreditassem ou não, naquela dita noite ela iria embora para sempre.

Ela escreveu ao imperador para se despedir, mas esse não respondeu, decidiu se deslocar até ela pessoalmente para presenciar e quem sabe impedir sua partida. Mobilizou milhares de soldados e partiu com quase toda a sua corte.

O dia chegou e *Kaguyahime*, já mais conformada com seu destino, dizia ao pai que nada poderia impedir sua partida, mesmo o imperador e seu exército não seriam capazes de deter as divindades que viriam buscá-la. Quando a Lua nasceu, as tropas do imperador simultaneamente chegaram. Ele ordenou que seus soldados cercassem a casa e apontassem suas flechas para o ar.

Então surgiram de uma nuvem no céu, diversas moças voando, tão belas quanto *Kaguyahime*, e todos ficaram paralisados, incapazes de fazer qualquer coisa. Vozes divinas anunciaram que o momento chegara, que era hora de partir.

Agradeceram o *taketori* e sua esposa por terem cuidado bem da princesa que elas lhe enviaram, e que foram mesmo elas também que puseram todo o ouro que os enriqueceu, como forma de garantir que eles tivesse uma vida digna e pudessem criá-la. Como recompensa final, permitiram que ela lhes desse um último presente, uma jarro onde continha uma poção que poderia dar vida eterna a quem a bebesse.

Mas com toda a tristeza que os pais adotivos da moça sentiam, achavam que viver para sempre sem ela seria um castigo ainda maior do que estavam sofrendo agora, pois perdiam o gosto pela vida. A princesa tentou consolá-los, dizendo que sempre que olhassem para a Lua, poderiam vê-la.

Kaguyahime acendeu aos céus junto com suas semelhantes e sumiu em direção a Lua.

O *taketori* e sua esposa deram ao imperador a poção da imortalidade, mas este também se recusou a bebê-la, movido pelo mesmo sentimento dos pais da princesa. Ordenou que fosse feito então um sacrifício em homenagem a ela, e seus súditos despejaram no monte Fuji a poção, que aos poucos se desfaria em fumaça, rumo aos céus, de onde viera.

E lá, na boca do vulcão *Fujisan*, a poção da vida eterna evapora até hoje.

Fonte: <http://www.xr.pro.br/monografias/Kaguyahime.html> Acessado em 21/02/11

Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:

<http://portugues.Free-eBooks.net>

Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente, selecionando uma das opções abaixo:



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas, nós apreciáramos se você

["postar um comentário para este livro aqui"](#) .



Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimentos de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

<http://portugues.free-ebooks.net/tos.html>